

Nota de Esclarecimento sobre o Artigo “Evaluation of post-COVID mortality risk in cases classified as severe acute respiratory syndrome in Brazil: a longitudinal study for medium and long term” e as Interpretações na Mídia

Diante dos recentes ataques disseminados em mídias sociais, associando nossas pessoas a grupos antivacinas, viemos a público, de forma veemente, reafirmar nossa posição tanto profissional quanto pessoal. Somos defensoras incondicionais do Programa Nacional de Vacinação, um pilar fundamental em nossas atividades acadêmicas, práticas profissionais, e na promoção da saúde em ambientes familiares e sociais.

Acreditamos que as vacinas são um dos maiores avanços da medicina, responsáveis por salvar milhões de vidas e prevenir doenças. Em nossa atuação, temos contribuído para a disseminação de informações científicas baseadas em evidências e, com isso, incentivamos a conscientização sobre a importância da vacinação para a proteção individual e coletiva.

Reafirmamos, assim, nosso irrestrito apoio ao programa de imunização, que é essencial para a manutenção da saúde pública no Brasil. Rejeitamos qualquer tentativa de distorção ou desinformação a esse respeito, com o compromisso de seguir promovendo a saúde e o bem-estar de nossa sociedade.

Primeiramente, é importante ressaltar que **o artigo não é contrário à vacinação contra a COVID-19**. Na verdade, publicamos anteriormente outro estudo que reforça o papel protetor da vacina contra a mortalidade a curto prazo (Rodrigues NCP, Teixeira-Netto J, Monteiro DLM, Andrade MKN. Mortality risk of severe acute respiratory syndrome cases classified as COVID-19: a longitudinal study. PLoS One. (2024) 19:e0309413. doi: 10.1371/journal.pone.0309413). No presente artigo, destacamos também a importância da vacinação a **médio prazo**, ressaltando seu efeito protetor em relação à mortalidade. A longo prazo, no entanto, encontramos resultados que divergiram, mas, ao invés de concluir precipitadamente sobre as causas dessas discrepâncias, apresentamos uma **longa discussão** sobre as possíveis explicações, sem nunca afirmar que a vacina foi a causa do aumento da mortalidade.

Nosso estudo focou em uma **população-alvo composta por pacientes com doença clínica grave (SARS)** e comorbidades associadas a uma maior taxa de mortalidade. O que nosso artigo de fato sugere é que a **evolução dessas comorbidades** pode ser uma explicação plausível para o aumento das mortes pós-COVID-19 a longo prazo. Também discutimos a persistência de **comprometimentos funcionais** nos sobreviventes de COVID-19 grave, enfatizando que a pandemia causou uma **interrupção nos serviços de saúde e no acesso a tratamentos** essenciais, o que é um fenômeno amplamente documentado em crises econômicas e de saúde, e pode ter impactado negativamente os desfechos clínicos.

No que se refere aos efeitos adversos das vacinas, **destacamos no artigo que esses eventos são raros**. Reconhecemos no artigo que os possíveis efeitos adversos estão associados aos diferentes tipos de vacina, e enfatizamos que **não podemos afirmar que a vacinação tenha sido a causa do aumento da mortalidade observada**, especialmente porque, infelizmente, não dispomos de informações detalhadas sobre o tipo de vacina ou o intervalo entre as doses nos dados do SIVEP, o que impossibilita uma análise mais precisa. Nossa conclusão é clara: **não há evidência para estabelecer**

uma relação causal entre vacinação e aumento da mortalidade, e essa questão precisa ser melhor investigada.

Além disso, abordamos as **condições pós-COVID**, que podem ter contribuído para os resultados encontrados. Reconhecemos, contudo, que **há uma grande lacuna no conhecimento sobre os efeitos adversos da vacinação em um cenário real de longo prazo**, e reforçamos que novos estudos serão essenciais para **elucidar os mecanismos biológicos subjacentes** e determinar a causalidade.

Em relação às limitações do estudo citadas no artigo, é crucial destacar que nossa análise foi feita **com pacientes extremamente graves e frágeis**, o que **não reflete a magnitude total de casos e mortes por COVID-19 no Brasil**. Além disso, a **seleção desse grupo específico de pacientes** pode ter gerado um viés de seleção, especialmente considerando que a vacinação teve um **impacto positivo significativo em reduzir a mortalidade por COVID-19**, conforme indicado em estudos realizados. Como resultado, o risco medido em nosso estudo pode não ser representativo da população em geral.

Por fim, gostaríamos de sublinhar que tendo em vista que o estudo utilizou dados secundários, utilizamos apenas as variáveis existentes. A falta de acesso a informações adicionais impediu a consideração de fatores como **tipos de vacinas, e intervalos entre a vacinação**. Além disso, a **escassez de estudos brasileiros sobre a mortalidade pós-COVID** torna difícil avaliar a consistência de nossos achados, mas reforçamos a **necessidade urgente de expandir a investigação** sobre este tema.

Os autores ressaltam que tratar-se de um estudo sobre mortalidade em geral, a médio e longo prazo de pacientes que tiveram doença clínica grave. Não se trata de um estudo de mortes por COVID. Nosso objetivo com este estudo foi trazer uma análise sobre os fatores que contribuíram na mortalidade pós-COVID, mas é crucial que os resultados sejam interpretados num contexto correto sem extrapolação e conclusões enviesadas, diferentes das apontadas pelos autores após análise de dados secundários desta população.

Agradecemos as diversas contribuições a respeito dos erros metodológicos que não haviam sido destacados no artigo. Consideramos muitas dessas contribuições e solicitamos a revista uma atualização do artigo para contemplar algumas dessas questões.

Agradecemos pela oportunidade de esclarecer esses pontos e reiteramos o compromisso com a saúde pública e o avanço do conhecimento científico.

Atenciosamente,

Nádia Cristina Pinheiro Rodrigues e Mônica Kramer de Noronha Andrade